

O Carnaval como Espaço de Reafirmação e Resistência Cultural¹

Louise PINHEIRO²

Tobias QUEIROZ³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

Este trabalho analisa o Carnaval brasileiro como um território simbólico de resistência e reafirmação identitária da população negra, tendo como objetos de análise o bloco afro Ilê Aiyê e o videoclipe *Africaniei*, da artista Majur. A pesquisa parte do reconhecimento das contradições do Carnaval: enquanto expressão cultural celebrada por sua diversidade, ele também revela marcas históricas de exclusão e apagamento racial. A partir de uma abordagem qualitativa de natureza descritivo-interpretativa, com base em autores como Lélia Gonzalez, Frantz Fanon e no método da Gira Midiática, propõe-se compreender como elementos da cultura afro-brasileira são ressignificados e utilizados como luta política e afirmação identitária.

PALAVRAS-CHAVE: carnaval; identidade afro-brasileira; resistência cultural; Ilê Aiyê; Lélia Gonzalez.

INTRODUÇÃO

O carnaval brasileiro é famoso no mundo todo pela sua alegria e cultura, mas também é um espaço onde a população negra se manifesta contra o racismo e o sexismo. Embora seja visto com um exemplo de “democracia racial”, o carnaval esconde as desigualdades e exclusões que refletem os problemas sociais do Brasil. Nesse cenário, o bloco afro Ilê Aiyê, criado em Salvador, surge como uma forma de afirmar a cultura negra e lutar contra a invisibilidade da população negra. A questão central da pesquisa é: como o carnaval e manifestações culturais afro-brasileiras, como o Ilê Aiyê e o videoclipe *Africaniei* de Majur, funcionam como espaços de resistência e afirmação negra? O objetivo é analisar como essas manifestações trazem de volta símbolos da cultura afro e como se conectam com as lutas atuais por igualdade racial e valorização da cultura negra. A escolha por abordar o Ilê Aiyê e a cantora Majur está diretamente ligada à proposta de analisar como manifestações culturais afro-brasileiras resgatam símbolos da ancestralidade e os colocam em diálogo com as lutas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho NE14 - Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UERN, email: louise20230050010@alu.uern.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UERN, email: tobiasqueiroz@uern.br.

contemporâneas por igualdade racial e valorização da cultura negra. O Ilê Aiyê, com sua trajetória histórica no Carnaval de Salvador, representa uma força coletiva que há décadas afirma a identidade negra por meio da música, da estética e da ocupação dos espaços públicos. Já Majur, em sua produção audiovisual, especialmente no videoclipe *Africaniei*, atualiza esses elementos em uma linguagem sensível e potente, voltada às novas gerações. A presença dessas duas referências no trabalho permite observar como a cultura negra é mantida viva, reinventada e politicamente engajada, reforçando seu papel essencial na formação do imaginário brasileiro e nas disputas simbólicas por representatividade.

Assim, a base teórica deste estudo se apoia nos conceitos de racismo estrutural e sexismo apresentados por Lélia Gonzalez (*Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*) e no método da Gira Midiática, desenvolvido por Luane Fernandes e Tobias Queiroz (2024). Dessa forma, através dessas idéias, busca-se entender como o carnaval e outras expressões culturais não são apenas festas, mas formas de resistência, desafiando estereótipos e reforçando a importância da cultura negra no Brasil.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, fizemos uso de uma abordagem qualitativa, com base em análises interpretativas e descritivas. Nosso objetivo é compreender como o Carnaval brasileiro, representado pelo bloco afro Ilê Aiyê que fica em Salvador, na Bahia, e pelo videoclipe *Africaniei* da cantora Majur, se constitui como espaço de subversão e reafirmação identitária. A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva. Explorou-se o tema para identificar como símbolos da cultura afro-brasileira são ressignificados e relacionados às lutas por igualdade racial.

O caráter descritivo foi utilizado para detalhar os elementos visuais, presentes nas manifestações culturais analisadas. Foram consultadas obras teóricas de referência, como *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* de Lélia Gonzalez (1984), *Racismo e Cultura* de Frantz Fanon (2021) e artigos sobre a *Gira Midiática* de Luane Fernandes e Tobias Queiroz, para embasar o estudo conceitualmente. As etapas foram feitas a partir de leitura de textos sobre o tema e coleta de materiais audiovisuais, também foi feita uma análise dos elementos culturais e interpretação dos resultados para entender como essas manifestações reafirmam a negritude.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de o carnaval ser uma festa tão brasileira nos dias de hoje, nem sempre foi assim. Existem autores e pesquisadores que relatam, como Arantes (2013, p. 7) “O mais comum, entre os diferentes autores, é atribuir sua origem às festas pagãs do Egito, Grécia e Roma referentes às mudanças de estação, quando se adoravam os deuses naturais da fecundidade, do crescimento, da colheita e da abundância.” Dessa forma, por ter sido uma festa que se popularizou tão rapidamente, durante os anos, entre os continentes africano e europeu, era de se esperar que, durante as grandes navegações, essa nova cultura fosse trazida para o Brasil. Segundo Arantes (2013, p. 8), “no Brasil, começou uma festa trazida pelos portugueses no século XVII.”

Porém, as festas carnavalescas não eram como hoje em dia, que misturam pessoas de diversos gêneros, etnias e classes sociais em uma mesma avenida, em prol da diversão coletiva. Conforme Germano (1999, p.131), o público-alvo das folias eram pessoas brancas, pertencentes à elite. Além disso, a participação de pessoas negras era reprovada pelos foliões, que perseguiam e até mesmo envolviam a polícia para manter a hegemonia branca na festa. A exemplo dessa rejeição dos brancos com a participação de pessoas negras no carnaval, temos o entrudo. Esse movimento foi um dos precursores do carnaval como conhecemos hoje e era realizado pelos escravizados, que saíam pelas ruas com o rosto pintado, jogando farinha nas pessoas, gritando e cantando. A reação das famílias que faziam parte da elite era sempre de repulsa e indignação, e não se permitiam fazer parte dessa “bagunça”.

Os foliões recebiam diferentes nomes pela sociedade e pelos jornais. Uma dessas denominações era chamada de *Cucumbis*, definido por Nepomuceno (2011, p.2) como “grupos carnavalescos compostos exclusivamente por homens e mulheres negros, que se vestem, cantam, dançam e narram histórias *à moda africana*”. Os *Cucumbis* enquanto grupo negro, ao se aproximarem de elementos da cultura africana, criaram narrativas visuais, sonoras e performativas que reivindicam identidade e ancestralidade. Dessa forma, a *Gira Midiática* se conecta com o método de análise que busca identificar elementos afrodiaspóricos em produtos culturais, como visualidade, textualidade e sonoridade.

[...] sugere pensar de forma espiralar, pois inspirades na cultura de matriz africana e suas manifestações [...] busca-se aqui inspirar-se para

ver, rever e transver movimentos estéticos e políticos afrodiaspóricos. [...] Consiste em uma proposta metodológica espiralar de análise visual, textual e sonora que visa, sobretudo, identificar quais elementos de ancestralidade africana (Costa; Queiroz, 2024, p. 3).

Essa abordagem ajuda a entender os movimentos dos *Cucumbis* não só como formas de expressão, mas também como ações que representam resistência, identidade e reinvenção cultural. Assim, destaca-se a importância de valorizar esses fenômenos culturais, reconhecendo as contribuições das tradições e conhecimentos africanos e afrodiaspóricos na formação da cultura e identidade brasileira.

Diante disso, entendemos o movimento dos *Cucumbis* como apenas o começo da valorização da cultura africana dentro do Carnaval Brasileiro. Mais de nove décadas depois dos primeiros foliões formados apenas por pessoas negras, surge o primeiro “O primeiro bloco afro do Brasil”, o Ilê Aiyê, que tem um papel muito importante na valorização da identidade negra e na luta contra o racismo e o sexismo no Brasil. O bloco mostra o orgulho de ser negro e celebra a cultura afro-brasileira, dando voz e visibilidade à comunidade negra. No texto “*Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*”, Lélia Gonzalez no segundo tópico “II - A Nêga Ativa”, explica como a mulher negra é muitas vezes reduzida a estereótipos, sendo vista apenas pelo seu corpo e sensualidade, especialmente em eventos como o carnaval.

[...] Todos sob o comando do ritmo das baterias e do rebolado das mulatas que, dizem alguns, não estão no mapa.”Olha aquele grupo do carro alegórico, ali. Que coxas, rapaz” “Veja aquela passista que vem vindo; que bunda, meu Deus! Olha como ela mexe a barriguinha. Vai ser gostosa assim lá em casa, tesão”. “Elas me deixam louco, bicho”. [...] O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do samba”, “que passa com graça/fazendo pirraça/fingindo inocente/tirando o sossego da gente”. É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. (Gonzalez, 1984, p. 227 - 228)

Assim, percebemos que a autora crítica como a sociedade invisibiliza ou limita a representação das contribuições das mulheres negras a algo exótico. Nesse sentido, o Ilê Aiyê faz o contrário: ele transforma a mulher negra em um símbolo de beleza, força e

ancestralidade por meio da Deusa do Ébano. Um concurso que celebra a mulher negra de forma poderosa e resgata sua importância na cultura.

No texto, “*Racismo e Cultura*” de Frantz Fanon, fala que durante a dominação colonial, as culturas locais muitas vezes são retomadas de forma superficial e sem muita reflexão. O Ilê Aiyê, porém, vai além disso, o bloco resgata e fortalece suas práticas culturais de forma consciente e crítica, promovendo uma valorização estruturada da cultura afro-brasileira, dando um novo sentido ao que foi apagado pelo racismo. A Deusa do Ébano, enquanto representação dessa cultura, torna-se um símbolo de resistência contra o exotismo e a objetificação, frequentemente impostos pelo racismo cultural.

A cultura capsulada, vegetativa, após a dominação estrangeira, é revalorizada. Não é repensada, retomada, dinamizada de dentro. Não é repensada, retomada, dinamizada de dentro. É clamada. E esta revalorização súbita, não estruturada, verbal, recobre atitudes paradoxais. (Fanon, 2021, p.29)

Assim, ao unir Lélia Gonzalez e Frantz Fanon, o Ilê Aiyê surge como um espaço onde a cultura afro-brasileira não é apenas valorizada, mas transformada em instrumento de luta e afirmação de identidade, mostrando a força da memória histórica no enfrentamento das dificuldades sociais do Brasil.

O videoclipe *Africaniei*, da cantora Majur, é uma expressiva manifestação artística que ressignifica a cultura afro-brasileira enquanto espaço de resistência e afirmação identitária. A obra combina de forma sensível e estratégica elementos estéticos, sonoros e visuais que fazem referência à ancestralidade africana, resultando em uma produção que não apenas celebra a negritude, mas também a posiciona como agente ativo na construção de sentidos e narrativas alternativas às dominantes. A história apresentada no videoclipe valoriza a trajetória histórica do povo negro por meio de símbolos que remetem à força, à beleza e à dignidade, desafiando a lógica histórica que buscou invisibilizar essas experiências.

Nesse sentido, *Africaniei* dialoga diretamente com expressões tradicionais como os desfiles do bloco afro Ilê Aiyê, ao evidenciar como as heranças culturais afro-brasileiras são constantemente reinventadas e ressignificadas, sem perder suas

raízes, para responder aos desafios contemporâneos da luta antirracista. A música e o audiovisual tornam-se, assim, ferramentas de resistência simbólica e de reconfiguração identitária.

Essa conexão entre manifestações culturais evidencia o papel do Carnaval e da produção artística negra como territórios de disputa narrativa e afirmação política, onde a negritude é celebrada não apenas como diferença, mas como uma força vital na formação cultural nacional. Dessa forma, a presença negra no campo simbólico deixa de ocupar uma posição marginalizada e passa a ser reconhecida como parte essencial e estruturante da identidade brasileira.

CONCLUSÃO

Por fim, este trabalho buscou analisar como o Carnaval brasileiro, com destaque para o bloco afro Ilê Aiyê e o videoclipe *Africaniei* da cantora Majur, trabalham como um espaço de resistência e reafirmação cultural, para a população negra. Partindo da análise de manifestações culturais afro-brasileiras, foi observado que o Carnaval vai além de um evento festivo e se consolida como um palco de luta contra racismo, sexismo e outras formas de opressão que historicamente oprimiu essa parte da população.

O objetivo central foi identificar como essas manifestações culturais resgatam símbolos ancestrais e reforçam a identidade afro-brasileira em um contexto marcado pelo apagamento histórico da cultura negra. A pesquisa mostra que o Ilê Aiyê, ao longo de sua história, transformou o Carnaval em um espaço de valorização da negritude, dando visibilidade às lutas e conquistas da comunidade negra. Eventos como o concurso “Deusa do Ébano” promovem uma representação positiva e poderosa da mulher negra, desafiando os estereótipos limitadores frequentemente impostos pela sociedade.

Do mesmo modo, *Africaniei* da cantora Majur, se destaca como uma obra que conecta o passado ao presente, utilizando elementos estéticos, visuais e sonoros para celebrar a ancestralidade e a identidade negra. Ao unir a musicalidade com histórias simbólicas de resistência, o videoclipe reforça a importância da cultura afro-brasileira como um meio de reivindicação de direitos e de fortalecimento de identidade.

A análise se fundamenta em conceitos teóricos como o racismo estrutural e o sexismo, apresentado por Lélia Gonzalez, o método da Gira Midiática apresentado por Luane Fernandes e Tobias Queiroz, e Racismo e Cultura de Frantz Fanon, que contribuíram para identificar elementos afrodiaspóricos nas manifestações analisadas. Dessa forma, conclui-se que tanto o Ilê Aiyê quanto *Africanie* mudam o Carnaval e outras expressões culturais como meios de transformação social.

REFERÊNCIAS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. [Gonzalez, Lélia - Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira]. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3040030&forceview=1>. Acesso em: 25 nov. 2024.

COSTA, Luane Arruda Queiroz; TOBIAS. [Majur dos Santos: a gira midiática por meio do Pensamento Negro Radical]. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/792345870/Costa-Luane-arruda-Queiroz-Tobias-majur-Dos-Santos> Acesso em: 25 nov. 2024.

ILÊ AIYÊ. Origem Ilê Aiyê. Disponível em: <https://ileaiyeoficial.com/origem-ile-aiye/> Acesso em: 25 nov. 2024.

ARANTES, Nélío.. [Pequena história do Carnaval no Brasil]. Revista Longevidade, disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/viewFile/327/327> Acesso em: 25 nov. 2024.

GERMANO, Iris. O Carnaval no Brasil: da origem européia à festa nacional. C.M.H.L.B CARAVELLE, Parcourir Les Collections, volume 73, 131 - 145, 1999. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_1999_num_73_1_2857. Acesso em: 3 dez. 2024.

NEPOMUCENO, Eric Brasil. Carnaval crioulo: Cucumbis no Rio de Janeiro (década de 1880). *Simpósio Nacional de História*, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308064512_ARQUIVO_carnavalcrioulo.pdf. Acesso em: 3 dez. 2024.

FANON, Frantz. *Racismo e cultura*. Disponível em:
<https://terrasemamos.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/04/frantz-fanon-racismo-e-cultura.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2024.